

## O saber antropológico na formação acadêmica em Turismo: contribuições, desafios e dilemas<sup>1</sup>

*Rosana Eduardo da Silva Leal<sup>2</sup>*

### Resumo

O Turismo transformou-se em campo de interesse antropológico ainda na década de 1960, quando surgem os primeiros estudos sobre os impactos socioculturais, ambientais e econômicos causados pela atividade turística. Desde então, a Antropologia vem contribuindo para dar conta das múltiplas alteridades que fazem parte deste fenômeno moderno, que envolve profissionais, territórios, turistas e residentes, tornando-se uma disciplina presente nos diversos cursos de graduação em Turismo. Para refletir sobre tal realidade, o presente artigo tem por finalidade analisar como se dá a presença da Antropologia na formação acadêmica em Turismo, considerando as contribuições, os desafios e dilemas existentes neste diálogo. Para tanto, buscará analisar como a perspectiva teórico-metodológica da Antropologia perpassa o âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, tendo como campo empírico o curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Neste âmbito, destaca-se o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo (ANTUR/UFS/CNPQ), que surge em 2013 com o objetivo de refletir sobre o papel do Turismo como mecanismo de cidadania e inclusão social, considerando sua relação com a cultura, com o lazer, com as comunidades e o desenvolvimento local.

**Palavras-Chave:** Antropologia. Turismo. Ensino. Pesquisa. Extensão.

## The anthropological knowledge in academic training in Tourism: contributions, challenges and dilemmas

### Abstract

Tourism became a field of interest for the anthropology even in the 1960s, when there were the first studies on the socio-cultural, environmental and economic impacts of tourism. Since then, anthropology has contributed to account for the multiple otherness that are part of this modern phenomenon that involves professionals, territories, tourists and residents, making it a discipline present in various undergraduate courses in Tourism. To reflect on this reality, this article aims to analyze how is the presence of Anthropology at academic background in tourism, considering the contributions, challenges and dilemmas existing in this dialogue. To this end, it seeks to analyze how the theoretical and methodological perspective of anthropology permeates the teaching, research and extension, with the empirical field the course of Tourism of the Federal University of Sergipe. In this context, there is the Group of Research in Anthropology and Tourism (Antur/UFS/CNPQ), which comes in 2013 with the aim of reflecting on the role of tourism as a mechanism of citizenship and social inclusion, considering its relation to culture with leisure, with communities and local development.

**Keywords:** Anthropology. Tourism. Education. Research. Extension.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia (PPGA/UFPE); docente do curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe – UFS e Líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo (ANTUR/CNPQ/UFS). E-mail: rosanaeduardo@yahoo.com.br.

## **Introdução**

O Turismo passou a ser campo de interesse antropológico ainda na década de 1960, quando surgem os primeiros estudos sobre os impactos socioculturais, ambientais e econômicos causados pela atividade turística. Desde então, a Antropologia vem contribuindo para dar conta das múltiplas alteridades que fazem parte da atividade, considerando as especificidades sociais, culturais, econômicas e políticas que envolvem profissionais, territórios, turistas e residentes, tornando-se uma disciplina presente nos diversos cursos de graduação em Turismo. No Brasil, tais estudos iniciaram na década de 1990 e vêm se consolidando por meio de grupos de pesquisa, grupos de trabalho em congressos, produção de literatura específica, bem como pesquisas de graduação e pós-graduação.

Para tratar desta realidade, o presente artigo tem por finalidade refletir sobre as dimensões teórico-metodológicas da Antropologia na formação acadêmica em Turismo, evidenciando as contribuições, desafios e dilemas existentes neste diálogo. Para tanto, buscará analisar como a Antropologia perpassa o ensino, a pesquisa e a extensão, tendo como campo empírico o curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Neste âmbito teremos como campo de análise, o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo – ANTUR/UFS/CNPQ, criado em Junho de 2013, cuja finalidade é lançar ações acadêmicas de diálogo entre tais universos.

### **1 Turismo: uma breve apresentação**

O impulso turístico expande-se sobretudo após a II Guerra Mundial, como resultado da ampliação dos direitos trabalhistas que possibilitaram a regulamentação das férias e dos tempos livres das classes trabalhadoras. Trata-se de uma prática de lazer em forma de viagem, que paulatinamente tem se tornado parte da inquietude do homem moderno-contemporâneo em evadir-se do ambiente cotidiano, transformando-se em uma necessidade estimulada pelo sistema capitalista vigente. Seu início deu-se justamente pela busca por experiências recreativas antcotidianas por parte das classes trabalhadoras, que passam a ter direito ao tempo livre (CORDERO ULATE, 2006).

O turismo foi firmemente influenciado pela produtividade industrial, traduzindo a separação moderna da alta cultura e do prazer popular, por meio da distinção entre viajante e turista. O olhar solitário, contemplativo e autorreflexivo dos viajantes aristocráticos do *Grand*

*Tour*<sup>3</sup> passa a compartilhar os lugares com a presença e o olhar coletivo dos turistas. O fim de semana, por exemplo, transformou-se em um importante tempo para as diversões humanas, incluindo as viagens de lazer. Trata-se de uma mudança “[...] do mundo do trabalho, exterior, muito impessoal, muito exigente, muito burocrático, para o mundo do lazer, seletivo, particular, controlável, confortador” (RYBCZYNSKI, 2000, p. 196).

Na modernidade, o tempo livre se tornou aliado do sistema capitalista em dois sentidos. Primeiro por apresentar-se como um tempo de reposição e preparação para o trabalho, estando vinculado ao momento de descanso dos trabalhadores. E segundo por se transformar em um campo de produção e usufruto de bens de consumo, passando a movimentar ainda mais o capital, gerando lucros e movendo a economia através do surgimento de uma indústria do lazer<sup>4</sup>.

O consumo de tempo livre já não se constitui num privilégio ou numa distinção exclusiva de uma classe dominante. O direito ao lazer e às férias foi incorporado ao cotidiano dos trabalhadores e se tornou uma característica do cidadão moderno, que o associa diretamente à saúde e ao bem estar (STEIL, 2002, p. 54).

Na concepção de Krippendorf (2001), a viagem turística passou a ser concebida como forma de terapia social, que se transformou em um antídoto contra os desgastes do cotidiano, ajudando a suportar as atividades rotineiras vividas no trabalho e na moradia. Nesta perspectiva, é compreendida como “uma máquina de restauração das forças”, ou seja, uma fonte regeneradora para o trabalho, que promove o efeito estabilizador no indivíduo e na sociedade, sendo resultante da necessidade humana de sair da rotina através da mudança temporária de ambiente. Desta forma, a experiência turística torna-se participante do modelo existencial da sociedade industrial, abarcando o âmbito do trabalho, da moradia, do lazer e da viagem. Esta última torna-se parte da mobilidade frenética vivenciada por milhares de pessoas em todo o mundo, como troca temporária da esfera ordinária pela esfera extraordinária da existência humana, através do afastamento das práticas, redes e espaços sociais cotidianos (KRIPPENDORF, 2001). Além disso, com a popularização de transportes como o carro e o avião, tais deslocamentos começaram a proporcionar pequenos êxodos durante os feriados, finais de semana e férias. Realidade que transformou o turismo em importante atividade econômica composta por um conjunto de serviços organizados e incentivado pelos governos, empresas e meios de comunicação.

<sup>3</sup> Inicialmente o *Grand Tour* serviu como prática social destinada a preparar os filhos da aristocracia para a política, a diplomacia e o trabalho (URRY, 2001; PEREIRO, 2009), sendo assimilado pelas novas classes burguesas. Esta forma de viagem apresentava-se como um símbolo de prestígio social destinado à contemplação de objetos, galerias de arte, museus e toda a sorte de bens materiais altamente valorizados culturalmente.

<sup>4</sup> “Saimos de um lazer artesanal localizado para um lazer industrial globalizado, de um lazer entranhado na sociedade a um lazer automatizado. Essa automatização fez do lazer uma indústria, uma operação onde as diversas peças formam um sistema, seja ele o turismo ou o esporte ou qualquer sorte de divertimento” (SANTOS, 2000, p.32).

Ao analisar a literatura acadêmica produzida sobre o turismo, Jafar Jafari (2005) identificou cinco perspectivas teóricas que sobressaem nos estudos sobre a atividade, ao qual chamou de plataformas. A primeira, a *Plataforma de Defesa*, surge na década de 1960, quando “a atividade passa a ser encarada como grande alternativa e agente do entendimento internacional capaz de promover a superação da condição de pobreza e de dependência de países subdesenvolvidos diante das economias centrais” (BANDUCCI JR, 2006, p. 24). Tal percepção considera a atividade como grande geradora de divisas, empregabilidade e benefícios econômicos, que contribui para a preservação natural e cultural, bem como para o resgate de tradições, a comunicação intercultural e a paz mundial (JAFARI, 2005, p.41).

O turismo, seguindo esta linha de compreensão, foi amplamente incentivado por organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas e o Banco Mundial, por meio de uma ideologia romântica e triunfalista que se intensificou nas duas décadas seguintes. Tal prerrogativa – que o ressaltava como fator chave de dinamização econômica e de transformação social para países desenvolvidos e subdesenvolvidos – influenciou governos, instituições nacionais e internacionais, perpetuando-se em vários outros setores da sociedade (QUINTANA, 2006).

A *Plataforma de Advertência* surge na década de 1970 pelas mãos de setores públicos e privados que questionavam os benefícios gerados pela atividade, buscando denunciar os altos lucros das empresas e a baixa qualidade dos empregos ofertados. Trata-se de uma postura crítica que considera e analisa os malefícios causados ao meio ambiente e às culturas, bem como o processo de conversão da hospitalidade em um bem de consumo que interfere e modifica a estrutura social das populações locais. Nesta perspectiva, o turismo foi equiparado aos antigos modos de colonialismo capazes de promover a dependência econômica, as desigualdades sociais e prejuízos ambientais e sociais (SANTANA, 2009, p. 44). “Nessa linha de pensamento enquadram-se não apenas os trabalhos de pesquisadores, principalmente das ciências sociais, como também movimentos religiosos, organismos públicos e até a mídia” (BANDUCCI JR., 2006, p.29).

Na década de 1980 tem-se o aparecimento da *Plataforma de Adaptação*, que congrega os estudos que questionam as concepções pessimistas diante da atividade e seus impactos, analisando os modos alternativos de desenvolvimento turístico que vão de encontro ao turismo de massa “industrializado”. Essa perspectiva interessa-se pelos “tipos adaptativos de turismo”, como chamou Jafari (2005, p. 42), que minimizavam os efeitos nocivos através de iniciativas responsáveis e sustentáveis. Trata-se de modelos centrados na dinâmica e protagonismo local, que possibilitam menores danos socioculturais e ambientais; respeito à população residente e

maior proximidade entre anfitriões e visitantes. Nesta ótica estão englobadas modalidades como ecoturismo, agroturismo, turismo étnico, turismo rural, entre outros.

A *Plataforma de Conhecimento* apareceu na década de 1990 como uma tentativa de conceber o turismo de forma holística ao considerar os aspectos apontados pelas perspectivas anteriores. Esta abordagem tem como preocupação desenvolver estudos sistemáticos capazes de formar um corpo de conhecimentos de base científica a partir do diálogo com outros campos do conhecimento sob a ótica multidisciplinar. Para tanto, promove um olhar totalizador, cuja finalidade é considerar o fenômeno em escala governamental, empresarial, individual, grupal e sistêmico (JAFARI, 2005, p. 43). Congrega, portanto, um conjunto de estudos que

reconhece o turismo como um importante propulsor de mudanças, com consequências desejáveis e indesejáveis, e procura encontrar modelos de desenvolvimento nos quais os benefícios superem os custos, tomando a atividade turística como um todo (SANTANA, 2009, p.45).

A *Plataforma de Interesse Público* foi inserida na teoria de Jafari em 2005 como um sintoma das novas configurações políticas do turismo no século XXI, transformado em campo de interesse de diversos setores, instituições e atores sociais.

Como outras indústrias bem estabelecidas, o turismo deve também recobrar sua própria voz pública; atuar com decisão; prever os acontecimentos (tanto positivos como negativos); formular opções; ter alternativas a sua disposição, além de poder influenciar e canalizar os acontecimentos antes que ocorram (JAFARI, 2005, p.45 – tradução nossa).

Na sociedade atual, as consequências benéficas e maléficas da atividade têm sido discutidas em âmbito mundial, justamente pela abrangência e importância que o fenômeno passou a ter na contemporaneidade. O exemplo citado por Jafari diz respeito à Organização Mundial do Turismo – OMT que foi transformada em agência especializada da Organização das Nações Unidas – ONU, tornando-se membro do conselho executivo da instituição desde 2003. Essa inserção representou uma legitimação do turismo junto a outros setores da sociedade, por meio de uma representação governamental nunca antes vista, que passou a congrega os interesses dos diversos agentes sociais que atuam na atividade.

## **2 O Turismo enquanto objeto de estudo antropológico no Brasil**

No Brasil, o olhar antropológico tem contribuído para dar conta de novas demandas sociais, políticas e culturais que se apresentam na dinâmica turística, envolvendo territórios, povos tradicionais, populações urbano-periféricas, comunidades rurais e minorias sociais. Tais

demandas apresentam-se como um verdadeiro desafio teórico-metodológico não só para a Antropologia, mas também para diversos campos de estudos que se debruçam sobre o fenômeno turístico.

A presença da Antropologia nos cursos de Turismo tem se dado através da inserção de disciplinas de cunho antropológico nas graduações da área, seguindo as orientações do MEC previstas no Art.5º da Resolução Nº 13, de 24 de Novembro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo. Tal documento prevê a inserção de disciplinas que embasam os conteúdos básicos do curso, envolvendo os “estudos relacionados com os aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, filosóficos, geográficos, culturais e artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas”. Neste âmbito, o saber antropológico tem sido acionado como um conhecimento humanístico, científico e metodológico, contribuindo no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

A metodologia qualitativa que embasa o olhar antropológico desempenha importante papel na formação do estudante em Turismo. Isso porque, aprender a lidar com as alteridades durante a pesquisa de campo pode contribuir para a ampliação da visão de mundo, quebrando estereótipos e possibilitando uma percepção mais humanizada e menos mercantil na formação profissional. O trabalho de campo permite identificar as múltiplas influências que envolvem a dinâmica turística, contribuindo para o olhar de perto e de dentro. Neste sentido, pode ajudar também na elaboração de diagnósticos de realidades específicas, tratando de temas marginalizados por outros campos de estudos.

Nos estudos sobre o Turismo, a etnografia constitui-se como estudo profundo de uma realidade particular, que pode focalizar um grupo, uma comunidade, um território, uma manifestação cultural, possibilitando ouvir e dar voz as muitas populações silenciadas por diversos setores da sociedade, que tem a presença do turismo no seu cotidiano. Os estudos etnográficos podem também servir como recurso metodológico em pesquisas que visem a inventariação, catalogação e valorização de recursos turísticos, culturais e patrimoniais das localidades.

No campo das ações que envolvem visitantes e visitados, tal método serve para a identificação dos comportamentos que podem ser observados, mas não presentes nas pesquisas quantitativas. Possibilita ainda o estudo empírico, identificando e refletindo sobre os elementos simbólicos da dinâmica turística que estão no âmbito do praticável e do não-dito, tais como: as relações de poder, as disputas, as influências e os interesses que embasam o universo simbólico das interações sociais.

A pesquisa sobre as minorias sociais, que constitui uma das características marcantes da Antropologia, a torna fundamental para os estudos sobre como tais populações lidam com o Turismo em seus territórios. Temas como cultura, alteridade, identidade, gênero, preconceito, memória, diversidade sexual, *performance*<sup>5</sup>, patrimônio e relações étnico-raciais também constituem campos de reflexão e pesquisa. Tal diálogo pode ser analisado no âmbito das políticas públicas, do mercado convencional, das ações comunitárias, bem como em práticas não institucionalizadas presentes no cotidiano brasileiro. “A antropologia e o turismo (como um campo do conhecimento) apresentam uma sinergia óbvia. Ambos tentam identificar e entender a cultura e a dinâmica humana” (BURNS, 2002, p.92).

A multiplicidade de instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa etnográfica permite um olhar diverso e aprofundado sobre o mesmo fenômeno, por meio do uso de entrevista, observação, questionário, diário de campo, vídeos e registro de imagens. Além disso, permite a multiplicidade de interlocutores, considerando muitas vezes indivíduos e grupos pouco ouvidos nos enfoques hegemônicos, tais como camponeses, pescadores, trabalhadores informais, populações indígenas, remanescentes de quilombos, ribeirinhos, entre outros grupos.

A etnografia também pode ser usada como instrumento de pesquisas na construção de propostas turísticas, por permitir estudos aprofundados de contextos concretos, através da descrição, registro e documentação. O método possibilita, ainda, desenvolver pesquisas sobre os deslocamentos turísticos (em diversos meios de transportes), que se constituem realidades pouco valorizadas enquanto ambientes de pesquisa em Turismo no Brasil.

### **3 A presença da Antropologia no curso de Turismo da UFS**

O curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe faz parte do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, situado no campus São Cristóvão. Foi criado em 2007 através do REUNI, Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, com 50 vagas anuais no turno vespertino. A partir do segundo semestre de 2008 o curso passou a ter seus primeiros professores efetivos, formando uma equipe multidisciplinar com formação em âmbito de graduação e pós-graduação em áreas como Turismo, Administração, Geografia, Sociologia, Antropologia e Histórica. Atualmente possui um quadro de nove docentes formados por doutores, doutorandos e mestres. Conforme o projeto pedagógico (SERGIPE, 2010, p.02), o curso tem como principal objetivo

---

<sup>5</sup> As performances presentes tanto no comportamento dos turistas quanto no comportamento dos moradores, bem como na relação entre visitantes e visitados.

formar bacharéis em Turismo com base em conhecimentos bem definidos para atuarem no planejamento e no desenvolvimento do turismo, na gestão de empreendimentos turísticos e na pesquisa do turismo, com o foco voltado para uma formação compromissada com o homem, a sociedade e o meio ambiente.

### Um dos objetivos específicos é

desenvolver uma formação humanística, sob uma visão global e regional, que o habilite a compreender o meio social em seus aspectos, político, econômico, cultural e ambiental onde está inserido e a tomar decisões em um mundo diversificado e interdependente buscando o desenvolvimento das comunidades onde atua (SERGIPE, 2010, p.02).

No curso, a vertente antropológica tem estado presente em disciplinas como *Antropologia do Turismo; Tópicos Especiais em Turismo, Cultura e Sociedade; Turismo e Patrimônio Cultural e Lazer e Animação*. A disciplina de Antropologia do Turismo passou a fazer parte do currículo a partir de 2010, após a reformulação do projeto pedagógico anterior, tornando-se conteúdo obrigatório no quarto semestre do curso. A referida disciplina tem como objetivos: a) compreender o papel da Antropologia como campo de estudo da sociedade; b) analisar os principais conceitos antropológicos; c) identificar as especificidades da pesquisa antropológica no âmbito do Turismo e d) refletir sobre as principais vertentes teóricas da Antropologia do Turismo. Dentro do conteúdo programático, são tratados temas como: conceitos, princípios e métodos da Antropologia Cultural; o lugar da Antropologia nas ciências sociais; a relação entre cultura e sociedade; o conceito antropológico de cultura, etnocentrismo, relativismo cultural e aculturação; as perspectivas teóricas e metodológicas da Antropologia do Turismo; os efeitos socioculturais do turismo, bem como as relações entre residentes e visitantes. Tais temas são tratados através de leituras, debates de textos e exibição de filmes, como também por meio de aulas expositivas e de campo. Como atividade de pesquisa, são realizados estudos empíricos que envolvem práticas culturais que dialogam com a atividade turística no estado, por meio da utilização de ferramentas metodológicas capazes de possibilitar aos discentes a experiência de uma pesquisa de campo antropológica. Tal prática serve para aproximar os estudantes e pesquisadores de realidades locais, envolvendo populações, espaços culturais, costumes e práticas tradicionais, possibilitando o contato efetivo com o fenômeno turístico e suas dimensões. As pesquisas empíricas servem também para possibilitar o estímulo a novos estudos, que podem ser concretizados no decorrer do curso por meio da iniciação científica ou trabalho de conclusão de curso.

Nas ações extensionistas, o saber antropológico promove a aproximação dos estudantes com realidades concretas, estimulando processos de intervenção em localidades turísticas, por meio do diálogo com os moradores e os saberes nativos. Neste sentido, segue a premissa de

Santana (2009) de que a Antropologia Aplicada pode aproximar a academia de outros setores da sociedade, auxiliando em planos de desenvolvimento; soluções de conflitos; identificação de recursos; criação de produtos e revitalização de destinos. Trata-se de um diálogo entre o “fazer” e o “refletir” que, conforme Barretto (2003), ainda precisa ser feito nas graduações em Turismo.

Dentro deste universo surge em Junho de 2013 o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo (ANTUR/CNPQ/UFS), cujo objetivo é promover um diálogo teórico-metodológico entre tais campos de conhecimento, por meio de ações interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão. A finalidade do ANTUR é refletir sobre o papel do Turismo enquanto mecanismo de cidadania e inclusão social, considerando sua relação com a cultura, com o lazer, com as comunidades e o desenvolvimento local. Para tanto, promove um diálogo inter e multidisciplinar, contando com a participação de pesquisadores mestres e doutores provenientes da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Faculdade Metropolitana da Grande Recife, com formação em Turismo, Antropologia, História, Serviço Social, Sociologia e Geografia, bem como estudantes de graduação.

O grupo busca promover atividades pedagógicas que complementem a vivência em sala de aula dos discentes, por meio de leituras e debates de textos, pesquisas de campo, elaboração de projetos de pesquisa, artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso. Atualmente conta com seis eixos temáticos. São eles: a) Estudos Antropológicos; b) Cultura e Alimentação; c) Turismo, Comunidade e Desenvolvimento Local; d) Identidade e Patrimônio Cultural; e) Lazer, Educação e Cidadania; g) Economia da Cultura, Economia Criativa e Turismo.

### **Considerações Finais**

Pensar o fenômeno turístico através do olhar antropológico constitui-se um exercício de apreensão diferenciada de territórios, culturas e sociedades presentes nesta dinâmica. Trata-se de um mecanismo de compreensão teórica e empírica, que possibilita o distanciamento de valores dominantes que perpassam, em grande medida, as políticas públicas, o mercado convencional e algumas vertentes acadêmicas que dialogam com o Turismo.

Portanto, consideramos fundamental a presença da Antropologia na formação acadêmica e profissional dos discentes, justamente pela possibilidade que a disciplina tem em contribuir para a formação humanística, crítica e científica dos estudantes, por meio da compreensão aprofundada sobre o papel que a atividade turística exerce na sociedade. Entretanto, trata-se de um desafio acadêmico diário, pois representa uma quebra no pensar, na leitura, na pesquisa e na escrita dos graduandos.

## Referências Bibliográficas

BANDUCCI JR, Álvaro. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI JR, A. BARRETTO, M. (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 09, n.20, p.15-29, out.2003.

BRASIL. *Resolução N° 13, de 24 de Novembro de 2006*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. Resolução CNE/CES 13/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de novembro de 2006, Seção 1, p. 96.

BURNS, Peter M. *Turismo e antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos, 2002.

CORDERO ULATE, Allen. *Nuevos ejes de acumulación y naturaleza*. El caso del turismo. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

JAFARI, Jafar. El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, v. 42, n.1, p.39-56, 2005.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2001.

PEREIRO, Xerardo. *Turismo Cultural: uma visão antropológica*. Tenerife: ACA y PASOS, RTPC, 2009.

QUINTANA, Violante Martínez. *Ocio y turismo en la sociedad atual: los viajes, el tempo libre y el entretenimiento en el mundo globalizado*. Madrid: Mc Graw-Hill/Interamericana de España, 2006.

RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTANA, Agustín. *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTANA, Agustín. *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC /WRLA, 2000, p. 31-37.

SERGIPE. *Resolução N° 109/2010/CONEPE*. Aprova alterações no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Turismo, Bacharelado, e dá outras providências. Em 22 de novembro de 2010. São Cristóvão-SE: UFS.

STEIL, Carlos Alberto. O turismo como objeto de estudos no campo. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M.; VIANA, A. L. B. *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, pp. 51-80.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.